

À Fundação Calouste Gulbenkian e ao Jornal Expresso agradeço esta distinção, que recebo com grande entusiasmo. O Prémio Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian, instituído em 2001, tem vindo a desempenhar um papel preponderante, como incentivo às novas gerações que aspiram seguir pelo caminho da literatura. Enquanto tal, é para mim um grande privilégio que o conto infantil “O Pintor Desconhecido” possa ficar a ele associado.

Esta história decorre na sala de um museu e tem como protagonista um rapaz que possui uma forte relação com o desenho. Mediante esta prática ele constrói histórias e vive aventuras num ambiente fantástico, habitado por personagens singulares. O desenho surge, deste modo, como extensão da sua imaginação. Ao mergulhar nesta actividade, a fronteira entre sonho e realidade dissipa-se, levando-o mesmo a acreditar estar na presença de uma figura exemplar: um pintor, cuja identidade todos desconhecem. Nesta ocasião é-lhe revelado um universo novo, o da Pintura, que aliado à sua capacidade de sonhar fazem dele um rapaz especial, com uma missão, ensinar as outras crianças a pintar mostrando-lhes assim, as maravilhas e a singularidade do mundo interior de cada um. Esta é uma história que fala sobre as relações humanas, a devoção à arte, a capacidade de ver para além do imediato e a busca pela felicidade.

Actualmente ao ritmo acelerado em que vivemos e com a proliferação das novas tecnologias, transmitir aos mais novos o gosto pela leitura torna-se cada vez mais difícil. Para muitas crianças e jovens, a leitura deixou de estar ligada a um processo de descoberta e passou a ser encarada como uma tarefa árdua imposta pelos pais e professores. Paralelamente, a biblioteca deixou de ser vista como lugar revelador da diversidade do mundo, como espaço universal, provocando em contrapartida, uma certa repulsa nas gerações mais novas.

Ao transportar as crianças para o interior do museu e da mente do personagem principal o conto “O Pintor Desconhecido” procura demonstrar a infinidade de imagens que podem florescer ao mais pequeno estímulo, desvendando os efeitos mágicos da leitura. Com a sua publicação, apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, desejo que este conto proporcione ao leitor momentos únicos, de modo a integrar o seu arquivo pessoal de memórias afectivas, tal como fazem parte do meu: a “Menina do Mar”, “A Fada Oriana”, o “Rapaz de Bronze” de Sophia de Mello Breyner Andresen, “Dentes de Rato” e “Vento, Areia e Amoras Bravas” de Agustina Bessa-Luís, “Pedro e o Mágico” de António Quadros, entre outros.

Assim, ao ter consciência da responsabilidade que é escrever para este público tão especial e da influência que a literatura infantil tem na formação e enriquecimento intelectual das crianças, espero que nos futuros momentos de busca pela palavra exacta, a encontre, e consiga transmitir as ideias da melhor forma possível, pois, tal como proferiu Branquinho da Fonseca: na escrita, “Tudo depende da palavra. Exacta, rigorosa, insubstituível. Sem a palavra exacta não é possível dizer o que mais importa daquilo que se diz. A sabedoria talvez seja isso, encontrar a palavra exacta.”